

## SOBRE O SUMO BEM (*DE SUMMO BONO*)

### *ON THE HIGHEST GOOD*

Boécio de Dácia<sup>1</sup>

Tradução de Enio Paulo Giachini<sup>2</sup>

Visto que em toda espécie de ente é possível haver algo de sumo bem, e o homem é uma certa espécie de ente, é necessário que no homem seja possível haver algum sumo bem. Não digo sumo bem de modo absoluto, mas sumo para si, pois os bens possíveis ao homem têm fim e não prosseguem ao infinito. Investiguemos pois pela razão o que seja esse sumo bem, possível ao homem. O sumo bem possível ao homem é devido ao homem segundo sua virtude ótima. Não portanto segundo alma vegetativa, que é própria das plantas, nem segundo a alma sensitiva, que é própria dos animais, e assim também os deleites sensíveis são próprios dos animais. A virtude ótima do homem é a razão e o intelecto; é pois o regime (*regimen*) supremo da vida humana tanto no especular quanto no operar. Portanto, o sumo bem possível ao homem é debitado (*debetur*) a si segundo o intelecto. E assim, os homens que se atêm apenas nos deleites sensíveis e se omitem dos bens intelectuais devem sofrer, pois jamais atingem seu sumo bem; estão tão votados aos sentidos que não buscam o que é o bem de seu intelecto. Contra os quais exclama o filósofo dizendo: “Ide vós, homens, contados entre o número dos animais e não intentai para o que é divino em vós!” O divino no homem, porém, ele chama de intelecto; se no homem, portanto, há algo divino é digno que esse seja o intelecto. Assim como na universalidade de todos os entes é ótimo o que é divino, assim o que é ótimo no homem chamamos de divino.

---

<sup>1</sup> Opúsculo tirado de: *Corpus philosophorum danicorum medii Aevi, Boethii Daci opera librarium G.E.C.GAD*. Acesso: em 20 fev. 2019. Tradução de Enio Paulo Giachini.

<sup>2</sup> FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

Além do mais, uma vez que no intelecto humano a potência especulativa é uma e a potência prática é outra, coisa que aparece a partir do fato de o homem ser especulativo sobre algumas coisas das quais não é ativo, como das coisas eternas, e de algumas outras coisas é também ativo seguindo a regência (*regimen*) do intelecto, pelo qual opera por meio de escolha em todas as ações humanas, a partir disso sabemos que essas duas potências intelectuais estão no homem em gênero. O sumo bem, porém, possível ao homem, segundo a potência do intelecto especulativo, é o conhecimento do verdadeiro e o deleite nele. Pois o conhecimento do verdadeiro é deleitável. O inteligido deleita o que entende, e quanto mais admirável e mais nobre for o inteligido, e de quanto maior virtude for o intelecto compreensivo em compreendendo perfeitamente, tanto maior será o deleite intelectual. E quem frui de tal deleite despreza tudo que é menor, como as coisas sensíveis, que na verdade são menores e mais vis. E o homem que as escolhe por elas mesmas é mais vil do que quem as escolhe o primeiro. Então, a partir do fato de o inteligido deleitar aquele que entende, o Filósofo afirma no livro XI da Metafísica que o intelecto primeiro possui uma vida voluptuosíssima. E uma vez que o intelecto primeiro possui sua máxima virtude em entendendo, e o inteligível que entende porém seja nobilíssimo, visto ser essência de si mesmo – o que pois o intelecto divino poderá entender de mais nobre do que a essência divina? – então ele possui uma vida voluptuosíssima. E visto que nenhum bem maior pode acontecer ao homem através do intelecto especulativo do que o conhecimento da totalidade dos entes que são a partir dos primeiros princípios, e através disso, conhecer o primeiro princípio, como lhe é possível, e o deleite neles, segue-se nossa conclusão a respeito do superior, a saber, que o sumo bem possível ao homem segundo o intelecto especulativo é o conhecimento do verdadeiro nas coisas singulares e o deleite nele.

Assim, o sumo bem possível ao homem segundo o intelecto prático é a operação do bem e o deleite nele. Pois, que bem maior poderia acontecer ao homem segundo o intelecto prático do que escolher um meio para operar em todas as ações humanas e nelas se alegrar?

Ninguém é justo, portanto, a não ser aquele que se alegra nas obras da justiça. E igualmente deve-se compreender a respeito das obras das outras virtudes morais.

A partir disso que se disse, pode-se concluir claramente que o sumo bem possível ao homem é o conhecimento do verdadeiro, a operação do bem e o deleite em ambos.

E uma vez que o sumo bem possível ao homem é sua felicidade, segue-se que o conhecimento do verdadeiro, a operação do bem e o deleite em ambos é a felicidade humana. Por causa disso, portanto, na comunidade civil a arte militar é ordenada pelo legislador para que, uma vez tendo expulso os inimigos, os cidadãos possam descansar (*vacare*) contemplando o verdadeiro através das virtudes intelectuais e operando o bem através das virtudes morais, e assim vivem uma vida feliz; nesses dois, portanto, reside a vida feliz. Esse é pois o maior bem que o homem pode receber de Deus, e que Deus pode dar ao homem nesta vida. E deseja vida longa de maneira racional, então, aquele homem que a deseja a fim de poder tornar-se mais perfeito nesse bem. Aquele pois que é mais perfeito na felicidade que, pela razão, sabemos ser possível ao homem nesta vida, esse está mais próximo da felicidade que esperamos na vida futura pela fé. E visto que é possível ao homem um tão grande bem, como já foi dito, é digno que todas as ações humanas sejam dirigidas para ele para que possam alcançá-lo. E assim como todas as ações, dentro de alguma lei, são retas e como convém, quando tendem para a finalidade da lei, e são melhores de acordo com sua maior proximidade com a finalidade da lei, mas as ações que se opõem à finalidade da lei, ou que são inferiores – não são perfeitas segundo os preceitos da lei – ou também que são indiferentes – a saber, não são opostas ao fim da lei nem são segundo os preceitos da lei – todas essas ações são pecado naquela lei, embora com gradação maior ou menor, como se pode depreender do que foi dito; assim é também no homem, uma vez que todas as intenções e conselhos, ações e desejos do homem que tende para esse sumo bem, possível ao homem, como já se disse, são retas e como convém. E quando o homem opera assim, está operando naturalmente, pois opera

por causa do sumo bem para o qual nasceu. E quando assim opera, está bem ordenado, pois estará ordenado ao ótimo e seu fim último. Todas as ações humanas, porém, que não estão ordenadas a esse bem ou que não são tais a tornar o homem mais fortalecido e mais disposto (*diapositus*) a operar as ações que se ordenam a esse bem, são pecados no homem. E por isso, o homem feliz nada opera a não ser as obras da felicidade ou as obras pelas quais se torna mais fortalecido ou mais habilitado para as obras da felicidade. Assim, dormindo, acordado ou comendo, o homem feliz vive feliz enquanto cumpre essas coisas que o tornam mais forte para as obras da felicidade.

Sendo que todas as ações do homem que não se dirigem a esse sumo bem do homem, como já foi dito, sejam opostas a ele ou sejam indiferentes, são pecado no homem, embora com gradação maior ou menor, como fica evidente por si. E a causa de todas aquelas ações é a concupiscência, que é também a causa de todos os males morais. A concupiscência desordenada do homem é também a mesma causa que maximamente impede o homem de alcançar naturalmente o que ele deseja. E uma vez que todos os homens desejam por natureza saber, é de se lamentar que pouquíssimos homens se liberam para devotar-se à busca da sabedoria, sendo impedidos de tanto bem pela concupiscência desordenada. Vemos alguns seguindo a preguiça da vida, alguns seguindo a volúpia sensível detestável e alguns perseguindo os desejos dos bens da fortuna. E assim, hoje, a concupiscência desordenada impede todos os homens de seu sumo bem, com exceção de pouquíssimos varões honoráveis; chama a esses de honoráveis porque desprezam o desejo dos sentidos e seguem a o deleite e o desejo do intelecto, suando pelo conhecimento da verdade das coisas; chamo os mesmos novamente de honoráveis porque vivem segundo a ordem natural. Pois **como** todas as virtudes inferiores, presentes no homem, estão naturalmente em função da virtude suprema – a nutritiva é em função da sensitiva, isso porque a sensorial é perfeição de algum corpo animado, mas o corpo animado não pode ser sem nutrimento, e a virtude nutritiva é o que altera e converte o nutrimento, em função do que é necessário que a nutritiva no homem seja em função da

sensitiva. A sensitiva porém é em função da intelectual, isso porque as coisas inteligidas em nós são a partir das imaginadas, por isso compreendemos com mais dificuldade aquelas coisa que, segundo si mesmas, não podem ter um ser imaginado em nós. A imaginação porém não compreende a não ser depois do sentido, e a prova disso é que quem todo aquele que imagina é tocado sensivelmente. Sendo que, de acordo com o Filósofo, a imaginação ou a fantasia é um movimento formado a partir do sentido, segundo o ato – assim as operações de todas as virtudes inferiores, presentes no homem, são por causa das operações da virtude suprema que é o intelecto. E entre as operações da virtude intelectual, se há alguma que é ótima e perfeitíssima, todas são naturalmente por causa daquela. E quando o homem está naquela operação está no estado ótimo, possível ao homem. E esses são os filósofos, que colocam sua vida no estudo da sabedoria. Sendo que todas as virtudes que estão no filósofo são operadas de acordo com a ordem natural: a primeira em função da posterior e a inferior em função da superior e mais perfeita. Mas todos os outros homens que vivem segundo as virtudes inferiores, elegendo operações e deleites, presentes naquelas obras, estão ordenados de modo não natural e pecam contra a ordem natural. A decaída do homem, portanto, de sua ordem natural é no homem pecado, e uma vez que o filósofo não decai dessa ordem, por isso não peca contra a ordem natural.

Assim, moralmente falando, o filósofo é virtuoso por causa de três coisas. A primeira, é porque ele conhece a torpeza das ações, nas quais reside o vício e a nobreza das ações, nas quais reside a virtude, e assim pode eleger com mais facilidade um deles e evitar os demais, agindo sempre segundo a reta razão, e em assim agindo nunca peca. Mas isso não acontece com os ignorantes, pois é pesado para ele agir retamente. A segunda é porque aquele que degusta o deleite maior despreza todo deleite menor. O filósofo porém degusta o deleite intelectual especulando as verdades dos entes, que é maior que o deleite dos sentidos; assim despreza os deleites sensíveis. E muitos pecados e vícios consistem no excesso de deleite sensível. A terceira é porque não há pecado no inteligir e especular; no bem absoluto,

portanto não é possível haver excesso e pecado; a ação do filósofo é especular a verdade; por isso o filósofo é mais facilmente virtuoso do que qualquer outro.

Assim, o filósofo vive segundo o homem que nasceu para viver, e segundo a ordem natural, visto que todas as virtudes inferiores nele e as suas ações são por causa das virtudes superiores e suas ações, e todas juntas por causa da virtude suprema e a ação última, que é a especulação da verdade e o deleite nele, e sobremodo da verdade primeira; pois o apetite de saber jamais se sacia, até que se saiba e conheça o ente incriado. Pois como diz o comentador o a questão a respeito do intelecto divino é naturalmente o que desejam saber todos os homens. O desejo de conhecer qualquer coisa cognoscível é o desejo de conhecer o primeiro cognoscível, cuja demonstração se dá no fato de ver que quanto mais os entes se aproximam do primeiro cognoscível, tanto mais desejamos conhecê-las e tanto mais nos deleitamos na especulação dos mesmos. Assim, especulando os entes causados, que estão no mundo, sua natureza e ordem mútua, o filósofo é levado a especular sobre as altíssimas causas das coisas, pois o conhecimento dos efeitos é um guia pra o conhecimento de sua causa; e conhecendo as causas superiores e que suas naturezas são tais que é necessário haverem outra causa, é levado a conhecer a primeira causa. E o deleite reside no especular, e tanto maior quanto mais nobres forem as coisas inteligíveis. Assim, o filósofo leva uma vida muito voluptuosa. O filósofo também conhece e considera que essa causa é causa do ser de si mesma, ou seja, não possui outra causa; se, pois, no mundo nada houvesse que não tivesse outra causa, então nada haveria ali.

Considere-se ainda que é necessário que essa causa seja eterna e imutável, mantendo sempre o mesmo modo de ser; se ela não fosse eterna, de tudo absolutamente nada seria eterno. E novamente, como no mundo alguns entes são novos e um ente novo não pode ser causa suficiente de outro novo, como é evidente por si, segue-se manifestamente que todas as coisas novas que há no mundo provêm todas da causa eterna. E também a causa é imutável, mantendo sempre o mesmo modo de ser, porque a mutação não é possível a não ser nas

coisas imperfeitas, e se há algo no mundo que é ente perfeitíssimo, é digno que este seja a causa primeira.

Deve-se considerar também que todo ente que há no mundo, que está abaixo desta primeira causa, provém dela, e como essa causa primeira é causa da produção dos entes é também a causa da ordenação destes entre si e de sua conservação no ser, algumas segundo seu número e sem qualquer mutação, como é o caso das substâncias separadas, e algumas segundo seu número, embora tendo mutação, como é o caso dos corpos celestes, e algumas apenas segundo sua espécie, segundo são as que estão sob o orbe, como é o caso do grau inferior dos entes.

É de se considerar também que assim como todas as coisas são a partir dessa primeira causa, assim também todas estão a ela ordenadas; pois esse ente, no qual tudo tem princípio, do qual tudo provém, onde tudo está ligado ao fim ao qual tudo tende, segundo os filósofos, este é o ente primeiro, segundo os santos este é o Deus bendito. Nessa ordenação há amplitude (*latitudo*), e os entes que mais estão próximos ao primeiro princípio, nesta ordenação, são entes mais nobres e mais perfeitos. Mas nesta ordenação, os que estão mais distantes do primeiro princípio são entes mais diminutos e menos perfeitos. Este primeiro princípio é neste mundo portanto como o pai de família em sua casa e como o comandante no exército e como o bem comum na comunidade civil. E assim como o exército é uno a partir da unidade do comandante, e o bom exército por si está no comandante, mas nos outros está de acordo com sua ordenação em relação ao comandante, assim a partir da unidade desse primeiro princípio é também a unidade deste mundo, e o bem deste mundo, por si, está nesse primeiro princípio, e nos outros entes do mundo, segundo sua participação neste primeiro princípio e segundo sua ordenação a este, e em qualquer ente deste mundo não há qualquer bem a não ser que tenha sido participado pelo primeiro princípio. Considerando tudo isso, o filósofo é levado à admiração deste primeiro princípio e a amá-lo, pois amamos aquilo de que nos vêm coisas boas, e amamos maximamente aquilo de que nos provêm coisas maximamente boas. Por isso, o filósofo, conhecendo que todos

os seus bens provêm deste primeiro princípio e que tudo quanto é conservado, o é por aquele, é induzido a amar maximamente esse primeiro princípio, segundo a reta razão da natureza e segundo a reta razão intelectual. E visto que aquele que se deleita em tudo que ama e maximamente se deleita naquilo que maximamente ama, e o filósofo ama maximamente o primeiro princípio, como se disse, segue-se que o filósofo se alegra maximamente no primeiro princípio e na contemplação de sua bondade. E só essa é o deleito reto. Esta é a vida do filósofo, e quem quer que não a tenha não tem vida reta. Chamo de filósofo, portanto, todo homem que vive segundo a reta ordem da natureza, e aquele que conquista o ótimo e o fim último da vida humana. O primeiro princípio, de que se falou aqui, é o Deus glorioso e sublime, que é bendito nos séculos dos séculos. Amém.